

O 'bicho-papão da economia brasileira' está se aposentando

Sai de cena esta semana o homem que, durante anos, era 'o inimigo'

José Meirelles Passos

• Bill Rhodes foi, ao longo de pouco mais de uma década, o bicho-papão da economia brasileira. Ele era visto como o homem que tinha o poder de travar o crescimento do Brasil, já que as linhas de crédito internacional para o país dependiam basicamente de um "ok" dele — o homem do Citibank que chefiava o comitê de bancos credores da dívida externa do Brasil.

Um sinal verde para que mais dinheiro entrasse nos cofres do país, dependia de condições difíceis de engolir e que ele impunha com a frieza de um samurai — estribando-se nos mecanismos de arrocho cultivados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Rhodes também não hesitava em apelar diretamente ao governo dos Estados Unidos, através do Departamento do Tesouro, para que pressionasse os países devedores:

— Ele batia frequentemente à nossa porta — relembrava Charles Dallara, então secretário assistente do Tesouro para Assuntos Internacionais, e hoje diretor gerente do Institute of International Finance (IIF), que reúne os 350 maiores bancos do mundo, e no qual Rhodes tem o posto de primeiro vice-presidente.

'Um negociador implacável e extremamente vaidoso'

Por tudo isso, nas décadas de 80 e 90, Rhodes serviu, ao mesmo tempo, como saco de pancadas da administração nacional para efeito de opinião pública. Era um conveniente bode expiatório para as mazelas fiscais e monetárias domésticas, com algum eco: as suas vindas ao país eram, habitualmente, marcadas por manifestações de protestos, com faixas e cartazes que bradavam "Fora Mister Rhodes".

— Ele é um sujeito muito simpático mas, ao mesmo tempo, um negociador implacável. E também extremamente vaidoso. Às vezes queria ser recebido pelo presidente da República. Coisas do ego — disse Mailson da Nóbrega, ministro da Fazenda na época (1988) em que o Brasil fechou um acordo de reestruturação da dívida de US\$ 82 bilhões.

Habilidoso praticante, e expoente máximo de uma arte que foi denominada como "diplomacia financeira" — e que, apesar da delicadeza de tal definição, eventualmente utilizava métodos truculentos —



NA ASSINATURA de empréstimo jumbo ao Brasil, Rhodes entre Ernane Galvães e Delfim Netto

Rhodes conseguiu, ao final do processo, emergir quase como um salvador da pátria.

Isso aconteceu em 1999 quando, com uma nova renegociação da dívida já praticamente resolvida, mas as desconfianças ainda latentes, ele — atendendo a um pedido do governo — acenou à comunidade financeira internacional com um endosso moral: convenceu grandes bancos a manterem as linhas de crédito comerciais e interbancárias necessárias para que o país pudesse deslanchar.

Na noite da próxima sexta-feira, Rhodes, que também foi o negociador chefe das dívidas da Argentina, Colômbia, Coreia do Sul, Jamaica, México, Panamá, Peru, Polônia e Uruguai, sai de cena. Aos 74 anos, esse banqueiro nascido em Nova York se aposenta como vice-presidente sênior tanto

do Citigroup quanto do Citibank, onde passou todos os 53 anos de sua carreira.

— Ter sido o mentor de muita gente foi, talvez, a minha maior contribuição — disse ele, fiel ao seu estilo de executivo sem falsa modéstia.

Rhodes a Lula: 'Você vai pagar a dívida ou não?'

Formado pela prestigiosa Brown University, Rhodes tornou-se milionário — rico o suficiente para que, três anos atrás, pudesse fazer uma doação de US\$ 10 milhões àquela escola, para a criação do Centro Rhodes de Estudos da Economia Internacional.

— Agora vou dedicar boa parte do meu tempo à luta contra o protecionismo que surgiu em todo o mundo, depois da recente crise financeira, afetando os fluxos de capital em muitos países —

Roberto Stuckert Filho/11-12-2002



EM NY, Rhodes fala aos jornalistas, ao lado do futuro ministro Antonio Palocci

anunciou Rhodes.

Em meio às negociações da dívida brasileira, ele costumava martelar sempre num conceito: "Nada é tão importante quanto a palavra confiança". Por isso, quando Luiz Inácio Lula da Silva — então liderando as pesquisas eleitorais — visitou Nova York, para expor o seu plano de ação aos investidores internacionais, Rhodes o abordou de forma brusca mas, como de hábito, modulada por um tom de voz ameno:

— Você, afinal, pretende ou não pagar a dívida?

O diplomata Sérgio Amaral, um dos negociadores do débito (1988), guarda lembranças vívidas dos embates com Rhodes na sede do Citibank, em Nova York. Em determinadas ocasiões, reuniões iniciadas nas primeiras horas da manhã costumavam varar madrugadas, com a frequente chegada de entregadores de pizza ao edifício do banco:

— As conversas eram muito duras. Nós estávamos debilitados, já que o país declarara moratória e o governo estava enfraquecido por causa do Plano Cruzado. A opinião pública não era favorável à negociação, e Rhodes sabia usar muito bem a imprensa, colocando a opinião pública brasileira contra nós. E nós não tínhamos assessoria de imprensa. Mas ao fim de nove meses de discussões muito duras parimos um filho! — disse Amaral, referindo-se ao acordo com os bancos comerciais e também com o Clube de Paris, cuja negociação dependia indiretamente de um "ok" de Rhodes. ■